

## Manu Chao: a mescla do intelectual quiebra ley

Raquel da Silveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho procura pensar qual é o papel de um intelectual como o cantor franco-espanhol Manu Chao. Nos apoiaremos aqui na discussão sobre o lugar do intelectual na contemporaneidade tal como reflete Edward W. Said em *Representações do Intelectual*. Ao compor, Manu Chao mescla diferentes tradições culturais e para pensar nestas questões lançaremos mão do conceito de hibridismo expresso por Garcia Canclini em *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*.

Palavras-chave: Intelectual; Mescla; Engajamento; Hibridismo

“Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem. Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final...”

(Caetano Veloso)

“Yo no creo en una gran revolución que va a cambiar las cosas, me parece muy utópico. Creo en miles y miles de revoluciones de barrio, juntándose unas a otras se hará la diferencia...porque puede llegar a cambiar las cosas desde uno mismo, desde su familia.”

(Manu Chao)

A canção e o trabalho “engajado” de alguns intelectuais constituem uma esfera artística e social de grande alcance e importância em nossos tempos pós-utópicos. Durante essa reflexão procuraremos pensar qual é o papel do intelectual dentro do contexto em questão. Uma de nossas inquietações iniciais é como pensar o artista que trabalha com temas considerados “populares” e que possui um compromisso militante com as expressões musicais populares, sem correr o risco de “domesticar” sua obra. Primeiramente pensamos ser necessário conhecer a obra do autor, estabelecer hipóteses, para depois pensá-la sob o viés de algum conceito.

Seguindo esta intuição e considerando esta reflexão como um trabalho ainda em fase inicial, faz-se necessária uma breve biografia:

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Jose Manuel Arturo Tomas, conhecido popularmente como Manu Chao é um cantor/poeta nascido na capital francesa em 1961, filho de mãe basca e pai galego, o jornalista Ramon Chao, que emigrou para França fugindo à ditadura espanhola. A música e a política sempre foram presença constante em seu ambiente familiar. Sua trajetória musical pública se iniciou há mais de vinte anos com a banda de rock *Hot Pants*, depois passou pelo grupo *Mano Negra* (nome em homenagem a um grupo anarquista que atuava na Espanha) em 1987, partindo da vontade de expressar por meio da música todas as influências multiculturais que haviam lhe rodeado; e pela banda que atualmente o acompanha em seus shows, a *Rádio Bemba Sound System*, formada por alguns integrantes da antiga *Mano Negra*. Durante um período de transição entre bandas, o cantor teve a oportunidade de voltar aos lugares por onde passou em turnê e conviver mais tempo com as comunidades locais. A cultura desses países influenciou profundamente sua produção musical.

Em 1998 Manu Chao grava seu primeiro e mais conhecido disco solo *Clandestino*, tendo como instrumentos principais um bloco de notas e um estúdio portátil, exercendo papel de artesão da música, captando todos os sons e manifestações que lhe chamavam atenção.

Apesar de ser um dos cantores que vende mais discos atualmente ele se nega a converter-se em um ícone e busca lutar contra a ditadura econômica mundial. Em 2004 publica um livro de poemas em língua francesa com o título *Siberie m'était contéee*, que acabou musicando e transformando também em CD.

O cantor se considera “ciudadano del presente”, cronista de seu tempo, quando diz que seu verdadeiro país é o momento presente. Pertence a várias “casas” e não deixa escapar o compromisso ideológico com sua época, utilizando a música como instrumento de ação social na formação de opinião de seu público.

No decorrer deste trabalho também tentaremos pensar sobre qual é a sua marca como cidadão do mundo – para penetrar no mundo. Para pensar nesses pontos, nos apoiaremos na discussão sobre o lugar do intelectual na contemporaneidade tal como reflete Edward W. Said, em *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Para Said, o intelectual pertence ao seu tempo, representa:

[um](...)indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses. A questão central (...) é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. (SAID, 2005, p.25)

Manu Chao expõe com clareza suas convicções e tem consciência do papel público que desempenha. Personalidade que busca crítica social e divulgação de cultura, participa freqüente e ativamente de movimentos de luta pela terra, de ações políticas contra a corrupção, em defesa dos imigrantes ou pela preservação ambiental. Com isso dá atenção à imagem, às características pessoais, à intervenção efetiva que, segundo Said, constituem a própria força vital de todo verdadeiro intelectual.

Em sua obra, numa mesma canção convivem várias, mas ao mesmo tempo se percebe uma sensação de unidade entre as faixas de cada álbum. Sua linguagem própria e poética se cambia em códigos a serem observados atentamente por quem escuta. O resultado de sua produção é uma possível “canção diferente” tal como retrata Umberto Eco:

Uma mensagem poética é, portanto, uma estrutura que dificilmente pode ser enrijecida numa definição ou resumida numa fórmula convencional. (ECO, 1979, p.102)  
O resultado foi o de fornecer uma canção que a pessoa se concentra para escutar (...) a canção diferente requer respeito e interesse. (ECO, 1979, p.302)

Nesse contexto, qual é o papel de um cantor intelectual na formação de opinião do seu público?

Ao cantar, ato de ação comunicativa, Manu Chao reivindica e mescla diferentes tradições culturais de uma infinidade de países por onde passou e/ou viveu e utiliza meios de comunicação de massa como a internet para propagar seu projeto que se situa à margem do pensamento hegemônico. Esta é sua marca como intelectual, marca de uma liberdade com relação a uma ideologia dominante. Seu discurso está carregado ideologicamente e é produzido a partir de uma interação conflitiva entre várias vozes.

Renato Ortiz em seu livro *Mundialização e Cultura* escreve que “Arte e política são termos complementares. O artista é um intelectual ‘engajado’, cujo compromisso com o destino nacional encontra-se indelevelmente expresso no seu texto, sua pintura, sua música, sua poesia (...) (ORTIZ, 1994, p.188)

Desde o primeiro contato com a obra do cantor o que mais chama atenção são as mesclas de ritmos, línguas e mídias utilizadas nas composições. As leituras sobre os conceitos de *hibridismo*, nos mostram se tratar de um termo bastante polêmico e sobre ele encontramos diversas definições, desde os conceitos negativos do termo, em que o “ser híbrido” estaria ligado à esterilidade. Assim fomos então nos aproximando de algumas definições que se encaixariam melhor em nosso enfoque sobre o trabalho deste cantor.

Refletindo sobre a obra de Manu Chao poderíamos pensar junto a Stuart Hall, que o *hibridismo* é “a fusão de diferentes tradições culturais (...)” (HALL, 2006, P.89) e que “As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novas produzidas na era da modernidade tardia.” (HALL, 2006, P.91) e passam por um processo de tradução cultural. Mas essa relação com o conceito de *híbrido* que, em nossas leituras, mais remetia a vida/obra de Manu Chao, quer dizer, ao intelectual e seus produtos culturais, também encontra subsídio naquela que fora utilizada por Néstor Garcia Canclini em *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*:

“Serão mencionados ocasionalmente os termos sincretismo, mestiçagem e outros empregados para designar processos de hibridação. Prefiro este último porque abrange diversas mesclas interculturais - não apenas as raciais, às quais costuma limitar-se o termo 'mestiçagem' - e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que 'sincretismo', fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais” (CANCLINI, 1998, p.19)

(...) hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade, os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros (...) (CANCLINI, 1998, p.348)

Na maioria das manifestações deste cantor, percebe-se uma identificação muito grande com a temática da América Latina. Quando Canclini cita o “lugar híbrido”, “O lugar a partir do qual vários milhares de artistas latino-americanos escrevem, pintam ou compõem músicas já não é a cidade na qual passaram sua infância, nem tampouco é essa na qual vivem há alguns anos, mas um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos” (CANCLINI, 1998, p.327), se faz necessário relacionar tal citação com uma ótima definição biográfica expressa por Manu Chao em uma entrevista publicada no site [voltaire.org](http://voltaire.org) em dezembro de 2006:

“Nací en Francia, en la periferia de París. Y ahí aprendí la cultura francesa, pero en la periferia, donde el 70 por ciento de la cultura, por la inmigración, es árabe. Entonces, esa cultura, a la hora de la música, lleva una mezcla que teníamos en el barrio, no era algo de afuera. La primera vez que entré en África negra fue en mi barrio, en la casa de mis amigos, con las abuelas, las madres, que no olvidan su origen. No crecí en una realidad ya hecha, en una cultura ya definida, eran miles de culturas mezclándose y yo ahí.”<sup>2</sup>

Dessas viagens dentro de seu bairro o artista opta viver em estado nômade e passa a viajar pelo mundo (“esta foi sua universidade”), incluindo todos os seus sons e expressões culturais. Na obra do cantor o conceito de *hibridismo*, que também podemos designar como *mescla*, segundo as suas próprias palavras, perde totalmente a noção de esterilidade e passa a simbolizar uma infundável produtividade. Os signos que se mesclam em todas as canções servem para unificar a mensagem, mas esta aparece de maneiras cada vez mais surpreendentes, seja tomando corpo de narração de um jogo de futebol no Brasil, de gravações de programas de rádio e TV na França ou de discursos políticos proferidos em diversas partes do mundo.

Questionado sobre sua obra em entrevista para uma TV de Berlim, Manu Chao afirma:

“Hay algo que yo necesito para vivir, y es el sol, por una razón muy específica: yo necesito la vida de la calle. No quiero vivir en casas, las casas están ahí sólo para dormir en ellas...La calle es una fuente permanente de inspiración. Ahí escribo mis canciones, me encuentro con la gente y me dejo inspirar, La casa es el lugar donde ordenas tus ideas y organizas todos los apuntes que has hecho, pero no es sitio para escribir canciones.”<sup>3</sup>

Acreditamos que, citando Said “O objetivo da atividade intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento.” (Said, 2005, p.31) e para esta efetiva promoção não pode haver descanso. Manu Chao por vezes se converte em porta-voz e tece uma convocação massiva para lutar dizendo que não é possível passar indiferente a tantas barbaridades que ocorrem dia a dia; e repete em diversas entrevistas que se sente um homem privilegiado por poder viver de sua paixão, a música.

Canclini afirma que “toda mensagem está infestada de espaços em branco, de silêncios, interstícios, nos quais se espera que o leitor produza sentidos inéditos” (Canclini,

---

<sup>2</sup> Manu Chao: “Todos tenemos derecho a la felicidad”. Disponível em: <[www.voltairenet.org/article144226](http://www.voltairenet.org/article144226)> Acesso em: 30 mar. 2009

<sup>3</sup> Disponível em:

<[www.youtube.com/watch?v=DcqyIsA97Hk&feature=PlayList&p=7BA1DA191A3C44E9&index=28](http://www.youtube.com/watch?v=DcqyIsA97Hk&feature=PlayList&p=7BA1DA191A3C44E9&index=28)> Acesso em: 11 abr. 2009

1998, p.151). Manu Chao busca esta produção, suas letras questionam e denunciam suas inquietudes políticas e sociais mesclando desde melodias tradicionais até as mais modernas de maneira sutil e irônica como uma espécie de “catarse”. Sua atuação busca uma reflexão pública sobre o que está sendo cantado como a realidade em que vivemos, afirmando que fazemos parte de toda essa mescla.

Além da inquietação mencionada no primeiro parágrafo, uma de nossas preocupações iniciais foi sobre como preencher alguns desses espaços em branco, como interpretar esse tipo de canção diferente sem superestimar a produção do artista e sem deixar de fora outras considerações que o gênero “canção” pressupõe, mas a tarefa é demasiado extensa para esse artigo, ficando anunciada para o caminhar futuro de minha pesquisa.

RESUMEN: El presente trabajo busca pensar cuál sería el papel de un intelectual como el cantor franco-español Manu Chao. De esta manera, nos concentraremos en la discusión sobre el lugar del intelectual en la contemporaneidad tal como pensada por Edward W. Said en *Representações do Intelectual*. Manu Chao al componer, mezcla diferentes tradiciones culturales, es por eso que utilizaremos el concepto de hibridismo de García Canclini en *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*.

Palabras-clave: Intelectual; Mezcla; Compromiso; Hibridismo

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COSER, Stelamaris. Híbrido, hibridismo e hibridação. *Conceitos de literatura e cultura*. In: Eurídice Figueiredo. (Org.). Rio de Janeiro e Juiz de Fora: EdUFF e Ed.UFJF, 2005.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAYURI, J. O. *O herói Clandestino: O ativismo político de Manu Chao*. In: III Congreso Online Observatorio para la Sociedad: Conocimiento abierto, Sociedad libre., 2006. Comunicación y Cultura: Medios, Nuevas Tecnologías y Sociedad, 2006. Disponível em:

<<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=po&id=769>>

Acesso em: 11 jun. 2007.

Site oficial Manu Chao. Disponível em: <<http://www.manuchao.net/manuchao/index.php>>

Acesso em 11 abr. 2009.